

A Influência Marxista nas Relações Internacionais

David Augusto Fernandes

Professor de Direito Internacional Público/Privado,
Direito Penal. Professor da UBM. Mestre e Doutor
em Direito. Delegado da Polícia Federal
Aposentado. E-mail: david.ddaf@ gmail.com.

Resumo.

O presente trabalho retrata a visão marxista onde as interpretações a serem produzidas devem levar em consideração o tempo e o espaço em que foram escritas as obras de Marx, fixando-se no mesmo enfoque dado pelo autor as abordagens a serem feitas. Observando-se, também, que sua gênese se encontra nas lutas de classe alçadas em nível internacional.

Palavras-chaves: Marxismo; relações internacionais; colonialismo.

Abstract.

The present work shows that where the Marxist interpretations to be made must take into account time and space in which they were written the works of Marx, standing on the same approach taken by the author approaches to be made. Observing also that its genesis is in the class struggles heave at the international level.

Key Words: Marxism, international relations, and colonialism.

Sumário.

Introdução. 1 A visão do marxismo sobre o colonialismo. 2 As relações internacionais na ótica marxista. 3 A visão de Marx da configuração sociológica das relações internacionais. Conclusão. Referências.

Introdução.

O pensamento de Marx¹ influencia várias áreas, tais como [Filosofia](#), [História](#), [Sociologia](#), [Ciência Política](#), [Antropologia](#), [Psicologia](#), [Economia](#), [Comunicação](#), [Arquitetura](#) entre outras.

Segundo Pauperio², Marx teve ação decisiva na criação da doutrina comunista, contribuindo largamente, com o seu gênio, para a criação da filosofia global, só comparável, sob este aspecto, à filosofia tomista. Essa importância foi reconhecida por Engels, seu companheiro na causa socialista:

Karl Marx é antes de tudo um revolucionário. Sua verdadeira missão foi contribuir de todas as maneiras para a queda do regime capitalista e das instituições criadas por ele, ao mesmo tempo que para a liberação do proletariado moderno[...].

Salienta Pauperio³ que a teoria marxista é, substancialmente, uma crítica radical das [sociedades capitalistas](#). Mas é uma crítica que não se limita à teoria em si. Marx, aliás, se posiciona contra qualquer separação drástica entre teoria e prática, entre pensamento e realidade, porque essas dimensões são abstrações mentais, categorias analíticas, que, no plano concreto, real, integram uma mesma totalidade complexa.

O marxismo constitui-se como a concepção materialista da História, longe de qualquer tipo de determinismo, mas compreendendo a predominância da materialidade

¹ Marx foi o terceiro de sete filhos de uma família [judia](#) de [classe média](#) da cidade de [Tréveris](#), na época no Reino da Rússia. Sua mãe, Henri Pressburg (1771–1840), era [judia holandesa](#) e seu pai, Herschel Marx (1759–1834), um advogado e conselheiro de [Justiça](#). Herschel descende de uma família de [rabinos](#), mas se converteu ao [cristianismo luterano](#) em função das restrições impostas à presença de membros de [etnia judaica](#) no serviço público, quando Marx ainda tinha 6 anos. Seus irmãos eram Sophie (d. 1883), Hermann (1819-1842), Henriette (1820-1856), Louise (1821-1893), Emilie, Caroline (1824-1847) e Eduard (1834-1837).

Em [1830](#), Marx iniciou seus estudos no Liceu Friedrich Wilhelm, em [Tréveris](#), ano em que eclodiram [revoluções](#) em diversos países [europeus](#). Ingressou mais tarde na [Universidade de Bonn](#) para estudar [Direito](#), transferindo-se no ano seguinte para a [Universidade de Berlim](#), onde o filósofo alemão [Georg Wilhelm Friedrich Hegel](#), cuja obra exerceu grande influência sobre Marx, foi professor e reitor. Em [Berlim](#), Marx ingressou no Clube dos Doutores, que era liderado por [Bruno Bauer](#). Ali perdeu interesse pelo [Direito](#) e se voltou para a [Filosofia](#), tendo participado ativamente do [movimento dos Jovens Hegelianos](#). Seu pai faleceu neste mesmo ano. Em [1841](#), obteve o título de doutor em [Filosofia](#) com uma [tese](#) sobre as "Diferenças da filosofia da natureza em [Demócrito](#) e [Epicuro](#)". Impedido de seguir uma carreira acadêmica, tornou-se, em [1842](#), redator-chefe da [Gazeta Renana](#) (*Rheinische Zeitung*), um jornal da província de [Colônia](#); conheceu [Friedrich Engels](#) neste mesmo ano, durante visita deste a redação do jornal. Disponível em: << <http://www.scielo.br//html> >>. Acesso em 24.07.2009.

² PAUPERIO, 1980, p. 90.

³ PAUPERIO, 1980, p. 91.

sobre a idéia, sendo esta possível somente com o desenvolvimento daquela, e a compreensão das coisas em seu movimento, em sua interdeterminação, que é a dialética. Portanto, não é possível entender os conceitos marxianos como forças produtivas, capital, entre outros, sem levar em conta o processo histórico, pois não são conceitos abstratos e sim uma abstração do real, tendo como pressuposto que o real é movimento.

Karl Marx compreende o trabalho como atividade fundante da humanidade. E o trabalho, sendo a centralidade da atividade humana, se desenvolve socialmente, sendo o homem um ser social. Sendo os homens seres sociais, a história, isto é, suas relações de produção e suas relações sociais fundam todo processo de formação da humanidade. Esta compreensão e concepção do homem é radicalmente revolucionária em todos os sentidos, pois é a partir dela que Marx irá identificar a alienação do trabalho como a alienação fundante das demais. Esta visão da filosofia marxista veio influenciar as demais ciências, trazendo uma compreensão mais consistente da realidade social.

Seu pensamento político criticou todas as correntes socialistas por não terem um caráter decididamente transformador, mas somente reformador. Para Marx, a evolução e a revolução são dialéticas, e cada partido operário, ao centrar sua ação exclusivamente em realizar metas curtas, se abole, pois se torna inútil diante do seu verdadeiro papel de transformar a realidade da massa trabalhadora. A posição que defende – o socialismo científico (para se opor a um socialismo romântico) ou comunismo (revolucionário, para se opor ao mero reformismo) – propunha não uma melhoria das condições de vida do proletariado, mas a própria emancipação do proletariado, o fim da condição proletária. Não se tratava de amenizar a exploração, mas de aboli-la. Mas as condições dessa emancipação, que só a prática poderia realizar, estavam nas condições reais em que estava inserida. Por isso, em Marx, é o desenvolvimento do capitalismo que cria a proletarianização, que é o exército que vai destronar a burguesia. E a própria hostilidade que o capitalismo produz sobre a condição proletária é que cria as condições subjetivas para explodir uma revolução.

A grande obra de Marx é ***O Capital***⁴ (grifo deste trabalho), onde desenvolve uma extensa análise da sociedade capitalista. É predominantemente um livro de [Economia Política](#), mas não só. Nesta obra monumental, Marx discorre desde a economia, até a [sociedade](#), [cultura](#), [política](#), [filosofia](#). É uma obra analítica, sintética, crítica, descritiva, [científica](#), filosófica etc. Uma obra de difícil leitura, ainda que suas

⁴ Cabe lembrar que *O Capital* é uma obra incompleta, tendo sido publicado apenas o primeiro volume com Marx vivo. Os demais volumes foram organizados por Engels e publicados posteriormente.

categorias não tenham a [ambiguidade](#) especulativa própria da obra de Hegel. No entanto, apresenta uma linguagem pouco atraente e nem um pouco fácil. O Capital não é apenas uma grande obra por ser aquela a que Marx se dedicou com mais profundidade e extensão.

Afiançado por Bobbio⁵ dentro da estrutura do pensamento de Marx, só uma obra como esta é o principal conhecimento, tanto para a humanidade em geral, quanto para o proletariado em particular. Percebe-se que, através de uma análise radical da realidade a que está submetido, só assim o proletariado poderá desviar-se da ideologia dominante, ou seja, sempre da classe dominante, e obter uma base concreta para sua luta política. Sobre o caráter da abordagem econômica das formações societárias humanas, afirmou A. de Walhens: "O marxismo é um esforço para ler, por trás da pseudo-imediaticidade do mundo econômico reificado as relações inter-humanas que o edificaram e se dissimularam por trás de sua obra."

Conforme afiançado por Bobbio⁶, Marx não escreveu nenhuma obra de teoria do Estado em sentido estrito, embora sua primeira obra de pulso, publicada pela primeira vez em 1927, fosse um comentário e uma crítica sobre o *Estado da Filosofia do Direito* de Hegel.

Em 1859, no prefácio de *Para a crítica da economia política*, contando a história de sua formação, Marx relatou como passara dos primeiros estudos jurídicos e filosóficos para os estudos de economia política e como, através destas pesquisas, chegara à conclusão de que tanto as relações jurídicas quanto as formas do Estado não podem ser compreendidas nem por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano, mas antes têm suas raízes nas relações materiais da existência. Continuando, Bobbio⁷ afirma que, para reconstruir o pensamento de Marx sobre o Estado é preciso, portanto, recorrer àquelas ideias esparsas que se encontram nas obras econômicas, históricas e políticas. Isso ocorre de fato, embora, após a obra juvenil de crítica à filosofia do direito de Hegel, não existe nenhuma de Marx que trate especificamente do problema do Estado. Igualmente, não existe obra sua de onde não seja possível extrair, sobre este problema, trechos relevantes e esclarecedores.

⁵ BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 738.

⁶ BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 739.

⁷ BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 739.

Esclarece Bobbio⁸ que, se o Estado fosse somente um aparelho neutral acima dos partidos, a conquista deste aparelho ou a mera penetração nele seriam de per si suficientes para modificar a situação existente. O Estado é uma máquina, mas ninguém pode manobrá-la a seu gosto: cada classe dominante tem que construir a máquina estatal de acordo com suas exigências.

É salutar relembrar as palavras de Pereira⁹, quando afirma que “é justo, portanto, considerar as ‘interpretações’, os ‘adendos’ ou as várias leituras que as correntes marxistas têm tentado e realizado como propósito de casar a ideia de Marx com a ação política, numa determinada situação histórica.”

As interpretações a serem produzidas devem levar em consideração o tempo e o espaço em que foram escritas as obras de Marx, fixando-se no mesmo enfoque dado pelo autor as abordagens a serem feitas. Observando-se, também, que sua gênese se encontra nas lutas de classe alçadas em nível internacional.

1 A visão do marxismo sobre o colonialismo.

O colonialismo¹⁰ indica a doutrina e prática institucional e política da colonização. A colonização existiu em todas as épocas da história, tendo sido diversos os sistemas de domínio colonial, de acordo com a natureza e os fins do colonialismo. No senso comum, colonialismo significa dominação institucionalizada de um Estado sobre povos pertencentes a civilizações diversas e longínquas; fala-se, então, de colonialismo formal¹¹.

A necessidade de aumentar as fontes de matérias-primas, minerais e agrícolas, em benefício do desenvolvimento industrial dos países europeus, motivou não só a repartição do resto do mundo ainda não colonizado, como também e, sobretudo, a organização de formas de Estado coloniais, visando a uma estruturação econômica e

⁸ BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 739.

⁹ PEREIRA, In: FIGUEIREDO, CERQUEIRA FILHO, KONDER, (Orgs.), 1985, p. 29.

¹⁰ Observe-se que colonização é o processo de expansão e conquista de colônias, e a submissão, por meio de força ou da superioridade econômica, de territórios habitados por povos diferentes dos da potência colonial. Colonialismo define mais propriamente a organização de sistemas de domínio.

¹¹ A crise do colonialismo inicia-se nos anos 30, acentuando-se após a Segunda Guerra Mundial. As potências coloniais, prontas para reconhecer a inevitabilidade da solução das lutas nacionalistas de um país como a Índia, não consideravam a maioria dos restantes territórios amadurecidos para a independência.

social dos países colonizados que se prestasse a um aproveitamento mais racional dos recursos¹².

Gentili¹³ afirma que os limites dos países colonizados são definidos segundo os interesses das potências coloniais. A economia é organizada em função das necessidades de matérias-primas das metrópoles, e a sociedade é administrada com métodos que permitam a exploração da força-trabalho a baixo preço e, ao mesmo tempo, mantenham o equilíbrio necessário para não haver infrações à lei e à ordem impostas.

Podemos traçar o trajeto do colonialismo, conforme Gentili¹⁴ estando o primeiro período determinado pela expansão do comércio no mundo. Vai até meados do século XVII. É o período do predomínio de Portugal e da Espanha, do estabelecimento de bases nas costas dos continentes e não-europeus, da exploração das minas de ouro e de prata, e do comércio dos tecidos indianos e das especiarias orientais.

Expõe Gentili¹⁵ que segundo período, colonialismo moderno, começa, portanto, com as viagens de exploração dos portugueses que haviam de levar à descoberta da via marítima para as Índias. O duplo objetivo ansiado por Portugal era o de estender a cruzada contra o Islã e o de estabelecer um tráfico direto, não mais intermediado por italianos e árabes, com o Oriente produtor de especiais. O alvo essencial são as Índias e a possibilidade de desfrutar suas riquezas. No caminho são estabelecidas bases nas costas africanas, a partir das quais se inicia o comércio do ouro e dos escravos. Por meados do século XVI, Portugal domina todo o Oceano Índico, possui importantes bases comerciais nas Índias e, posteriormente, com a conquista de Macau, penetrará no sul dos mares da China.

Aos portugueses e espanhóis seguiram os holandeses, os ingleses e os franceses. No fim do século XVII, entre as potências comerciais emerge a Inglaterra que estende as suas possessões por todos os continentes.

No final do século XIX, o colonialismo transforma-se em um método de organização da produção baseado na exploração de uma força de trabalho privada de direitos políticos e sociais no âmbito do Estado colonial. É, ao mesmo tempo, um método de conquista de mercados monopólicos, tanto para os produtos industriais europeus como para o investimento de capitais.

¹² GENTILI, In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p.181-183.

¹³ GENTILI, In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 183.

¹⁴ GENTILI, In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 183.

¹⁵ GENTILI, In: BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 2002, p. 184.

Marx¹⁶, ao tratar de forma passageira a ação do colonialismo, traça um paralelo entre a situação na Alemanha e o caos motivado pela ação colonial, discorrendo da seguinte forma:

Nós não vamos, naturalmente, dar ao trabalho de esclarecer os nossos sábios filósofos sobre o fato de que a libertação do Homem não avançou um único passo por terem resolvido a filosofia, a teologia, a substância e todo o lixo na consciência de si, por terem libertado o Homem do domínio dessas fases sob as quais ele nunca foi escravo; de que não é possível conseguir uma libertação real a não ser no mundo real e com meios reais, de que não se pode abolir a escravidão sem a máquina a vapor e a *mule-jenny*, nem servidão sem uma agricultura aperfeiçoada, de que de modo algum se pode libertar os homens enquanto estes não estiverem em condições de adquirir comida e bebida, habitação e vestuário na qualidade e na quantidade perfeitas... A libertação é um ato histórico, não um ato de pensamento, e é efetuada por relações históricas, pelo nível da indústria, do comércio, da agricultura e do intercâmbio.

Observa-se que o colonialismo foi arrasador nos países submetidos a sua ação, sem ter dado qualquer retorno, funcionando como uma árvore parasita que suga todos os nutrientes de uma planta até matá-la e ocupar o seu lugar.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, alguns países que sofreram com o colonialismo adotaram o marxismo, tentando uma melhoria de sua condição como Estado, servindo à época como tábua de salvação para emergirem da miséria. Mas, em sua grande maioria, esses países verificaram que o marxismo não atendia aos ditames regionais, às peculiaridades de seu povo e passaram a adotar um regime próprio, nem marxista nem capitalista, nem tanto ao mar nem tanto à terra, para almejar um desenvolvimento de sua população tão carente.

2 As relações internacionais na ótica marxista.

As relações internacionais, na perspectiva marxista, resultam de um antagonismo de classes. A política externa de um Estado está coligada a sua política interna, face a sua projeção no campo internacional. Para Lenin¹⁷ “separar a política externa da política em geral [...] é um pensamento equivocado, não marxista, não científico”.

As ideias de relações internacionais encontram-se embutidas em vários momentos de sua obra, particularmente, no Manifesto do Partido Comunista¹⁸ e,

¹⁶ MARX, ENGELS, 2009, p.35-36.

¹⁷ PEREIRA, Antônio Celso Alves, 1985, p. 30.

¹⁸ Publicado em 1848.

também, em alguns capítulos de *O Capital*¹⁹, onde cita a acumulação primitiva e a teoria moderna da valorização²⁰, e testifica, no capítulo 23 deste livro, que a tendência do capitalismo em gerar a concentração e a centralização, gerando em consequência a uma ação dos oligopólios em pressionar seus respectivos Estados, o que leva a um conflito.

Esta situação levou a um aprimoramento das relações internacionais na visão marxista, na qual Vladimir Lenin, na sua obra ***O imperialismo*** (grifo deste trabalho), de 1917, desenvolveu as ideias de Marx, abordando-as no contexto internacional.

Nogueira e Messari²¹ afirmam que Lenin tinha uma visão distinta da de Marx. Enquanto aquele aponta a contradição entre as nações capitalistas como determinantes para desencadear o processo revolucionário que levaria à queda do capitalismo, o segundo enfatizava a força de transformação histórica das sociedades nacionais, não dando muita importância para as relações internacionais.

Os mesmos autores²² afirmam que o movimento de forças no sistema internacional deixa de ser, como em Marx, reflexo da luta de classes nos cenários nacionais e adquire uma nova roupagem, dada, também, pelas diferenciações horizontais. Ou seja, a desigualdade entre os Estados Nacionais conduz a um atrito entre eles, configurando dois polos: opressores e oprimidos, desenvolvidos e subdesenvolvidos. Arrematam Nogueira e Messari²³, com o seguinte comentário:

A questão teórica relevante está, justamente, na necessidade de combinar o conteúdo de classe de um Estado com sua ação no sistema internacional sem que ambos os aspectos – interno e externo – da forma estatal estejam em contradição. Para que a política internacional de um estado fosse coerente com seu caráter de classe seria preciso concebê-lo como instrumento de dominação e de projecção, externa, daquela classe. A concepção instrumental do Estado é problemática e não conta da complexidade da ação estatal no plano internacional, uma vez que requer que aceitemos uma estreita relação entre a classe dominante e os postos ocupados no aparelho burocrático do Estado.

Os antagonismos de classes, proletariado e burguesia, no espectro interno, refletem no externo, conforme salienta Pereira²⁴:

Toda e qualquer ação política, dirigida por uma sociedade territorial global em direção ao seu meio ambiente internacional, decorre das projeções dos interesses de classe a nível interno sobre o cenário internacional. Nas obras dos clássicos marxistas é verdadeiramente impossível encontrar uma afirmação que separe uma política da outra. Estas duas políticas podem se separar com o

¹⁹ Publicado em 1867.

²⁰ Capítulos 24 e 25, do livro I.

²¹ NOGUEIRA, MESSARI, 2005, p.111.

²² NOGUEIRA, MESSARI, 2005, p.113.

²³ NOGUEIRA, MESSARI, 2005, p.114.

²⁴ PEREIRA, Antônio Celso Alves, *op.cit.* p. 31.

objetivo apenas voltado para uma melhor compreensão ou um melhor estudo, mas nunca para explicar a essência da política exterior.

Na concepção materialista da história, sabemos, o modo de produção da vida material condiciona todo o processo da vida sociopolítica em geral. Vê-se, portanto, a partir dessas teses, que as diferenças e desigualdades entre as sociedades territoriais globais e as relações entre elas surgiram e foram consequentemente determinadas pelas condições que cada uma teve, a seu dispor, para desenvolver a produção material. Fixadas territorialmente, essas sociedades globais passaram por processos sociais oriundos da base econômica e do próprio caráter da propriedade privada. As relações internacionais teriam surgido com o nascimento da sociedade de classes.

Continuando no pensamento, Pereira²⁵ cita o Manifesto do Partido Comunista, no qual Marx e Engels escreveram:

A história de toda sociedade existente até hoje tem sido a história das lutas de classes... Desde as épocas mais remotas da história, encontramos, em praticamente toda parte, uma complexa divisão da sociedade em classes diferentes, uma gradação múltipla das condições. ... A sociedade moderna burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Apenas estabeleceu novas formas de luta em lugar das velhas.

No entanto, a nossa época, a época da burguesia, possui uma característica: simplificou os antagonismos de classes. A sociedade global divide-se cada vez mais em dois campos hostis, em duas grandes classes que se defrontam – a burguesia e proletariado.

Com o acima aludido, Marx obtém uma perspectiva muito mais abrangente e adequada da dinâmica social capitalista, de simultâneo progresso e destruição. Corroborando tal afirmação, o Manifesto Comunista²⁶ (de 1848) destaca o seguinte:

Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado.

Na visão marxista, os procedimentos externos de um Estado são fruto da ação interna deste Estado e isto fica claro na exposição de Marx. Pereira²⁷, citando o Manifesto do Partido Comunista, afirma que:

O processo de acumulação do capital levou a expansão deste para além das fronteiras nacionais, circunstância que produziu a sua inquestionável internacionalização e a competição a nível mundial, pois “cada etapa no desenvolvimento da burguesia acompanha-se de um progresso político

²⁵ *Idem.*

²⁶ MARX, 1982, p. 94-95.

²⁷ PEREIRA, 1985, p. 33.

correspondente”. O processo de internacionalização e interdependência foi, portanto, irremediável.

O desenvolvimento industrial levou de enxurrada todas as nações, das mais subdesenvolvidas àquelas que partiram primeiro na Revolução Industrial, para o consumismo em face de facilidade de compra dos produtos face à grande quantidade e ao baixo preço, levando todos, sem exceção, a se tornarem burgueses. Neste diapasão, vale transcrever outra passagem do Manifesto de Marx, citado por Pereira²⁸, que afirma o seguinte:

Por meio de sua exploração do mercado mundial, a burguesia deu um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, retirou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas ou estão se destruindo dia a dia. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução se torna uma questão de vida e morte para todas as nações civilizadas; por indústrias que não empregam matérias-primas autóctones, mas matérias-primas vindas das zonas mais remotas; indústrias cujos produtos se consomem não somente no próprio país, mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades satisfeitas pela produção nacional, encontramos novas necessidades que requerem para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento local e da auto-suficiência das nações, desenvolvem-se, em todas as direções, um intercâmbio e uma interdependência universal. [...] Com o rápido aprimoramento de todos os meios de produção, com as imensas facilidades dos meios de comunicação, a burguesia arrasta todas as nações, mesmo as mais bárbaras para a civilização. Os baixos preços de suas mercadorias formam a artilharia pesada que destrói todas as muralhas da China, com que obriga a capitulação os bárbaros mais hostis aos estrangeiros. Força todas as nações, sob pena de extinção, a adotarem o que ele chama de civilização, isto é, a se tornarem burguesas. Em uma palavra, cria um mundo a sua imagem.

Observa-se no texto supra que com o desenvolvimento das indústrias e a expansão comercial, as empresas passaram a não restringirem-se aos seus países de origem, levando a uma expansão e consequente internacionalização das mesmas, encampando as pequenas indústrias e formando conglomerados e padronizando as feições da indústria mundial.

3 A visão de Marx da configuração sociológica das relações internacionais.

Na visão marxista, os socialistas demonstraram a existência de uma luta universal e generalizada entre o capital e o trabalho e, consequentemente, tentaram promover um entendimento entre os trabalhadores dos diferentes países. Esse

²⁸ PEREIRA, 1985, p. 34.

entendimento é tanto mais necessário quando os capitalistas tornam mais cosmopolitas na contratação do trabalho, admitindo trabalhadores estrangeiros em vez de trabalhadores nacionais, não só na América, mas na Inglaterra, França e Alemanha. Nasceram, de imediato, relações internacionais entre os trabalhadores dos três diferentes países, mostrando que o socialismo é um problema internacional, e que seria resolvido pela ação internacional dos trabalhadores. As classes trabalhadoras agem espontaneamente, sem saber quais serão os fins do movimento. Os socialistas não inventaram nenhum movimento. Limitaram-se a dizer qual é o caráter e quais são os fins dos movimentos que já existem²⁹.

Hoje esta visão está disseminada em todo mundo, atingindo todos os países, todas as ideologias.

O apóstolo Mateus³⁰ afirma: “o homem fala do que o coração está cheio”. Retirando um paralelo de tal afirmação, o Estado executa uma política externa, em função dos ditames de sua política interna, ou seja, o planejamento interno projetará sua atuação exterior, onde tudo será feito, ante uma previsão já elaborada, traçada para ser desenvolvida daquela forma.

O poder de previsão de Marx, visualizado em ***O Capital*** (grifo deste trabalho), mostrou ser tão grande que o mundo contemporâneo tornou-se demasiadamente semelhante ao descrito por ele. O surgimento dos enormes conglomerados financeiros e grupos industriais, invertendo a lógica de concorrência do século XIX; o processo gradativo de substituição de mão de obra por máquinas cada vez mais sofisticadas; a irradiação da forma de mercadoria a quase todos os produtos e relações sociais; as tão atuais crises econômicas; a política como manifestação de conflitos sociais distributivos; o predomínio crescente da especulação financeira sobre a criação de valores efetivos, com a consequente projeção para um futuro incerto de todos os preços e expectativas.

A obra de Marx, mais do que descritiva e explicativa, é antes de tudo uma teoria crítica da sociedade atual, descortinando a correlação profunda entre as dimensões positiva e negativa de sua realidade. Ivo Tonet³¹, citando *A ideologia alemã* de Marx, afirma:

²⁹ PAGINA Vermelha. Entrevista de Karl Marx. **Chicago Tribune**, ed. de 5 de janeiro de 1879. Disponível em: <http://www.paginavermelha.org/documentos/noticiasdomilenio.htm>. Acesso em: 24. jul.2009.

³⁰ NOVO Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Petrópolis-RJ: Vozes. 1995, p. 24.

³¹ TONET, In: MARX, 2009, p. 9-10.

A sociedade burguesa, por ser baseada numa forma de exploração do homem pelo homem que manifesta as relações sociais, também oculta a sua verdadeira natureza. Ao transformar as relações sociais em relações entre coisas, faz com que essas relações apareçam como se fossem naturais. Como consequência, as relações de exploração não aparecem como produtos da atividade humana, mas como algo que independe dos homens.

A completude da revolução burguesa também tem outra consequência importante. Juntamente com a classe burguesa, também adentra o cenário histórico uma outra classe, que terá uma importância fundamental para o futuro da humanidade – trata-se da classe proletária. Pela primeira vez na história da humanidade, não só a classe dominante, mas também a classe dominada, abre uma perspectiva para toda a humanidade. Esta classe dominada, por sua vez, é também a primeira classe social que exige, por sua própria natureza, a superação radical da exploração do homem pelo homem. Mas, para isso, ela precisa de um tipo de saber, de um conhecimento da realidade social, de uma concepção de mundo radicalmente diferente daqueles que orientavam a construção da sociedade burguesa. Esse novo tipo de saber era absolutamente necessário para que ela pudesse orientar a sua luta pela construção dessa nova forma de sociabilidade.

A crítica social tem como contrapartida a da sua teorização pelos economistas. Dedicado desde a juventude ao estudo da Economia Política, disciplina fundada no século XVII, na Inglaterra das revoluções burguesas, Marx aqui contou com o estímulo e a colaboração de seu amigo Engels³².

A constatação de que esta visão ainda não está enfraquecida, ao contrário, torna-se quase hegemônica, permitindo avaliar o quanto a crítica de Marx está atual. Ela não nega os fenômenos de mercado, das decisões individuais, da liberdade de movimento dos agentes econômicos. De outro giro, não aceita também que tais fenômenos sejam simplesmente dados naturais, e procura revelar sua origem em uma camada da sociabilidade que se oculta neles como seu avesso.

Conclusão.

Na visão de Marx, para sua sobrevivência se faz necessário que o ser humano produza os de bens essenciais ao cotidiano que justificam sua existência. Isso é o trabalho, qual seja uma transformação provocada da natureza. Essa transformação provocada vai derivar, por conseguinte, na fabricação dos instrumentos necessários à execução da tarefa. Contudo, é salutar observar que, ao transformar a natureza, os homens não produzem apenas os bens materiais necessários à sua existência, mas também a si mesmos e as suas relações sociais. Por isso, os homens são radicalmente

³² Marx e Engels juntos escreveram vários textos, e na maturidade Engels continuou ajudando Marx em alguns pontos da grande obra sobre a economia moderna que este preparou durante longos anos.

históricos e sociais, ou seja, são eles que criam inteiramente si mesmos e toda a realidade social, através da atividade coletiva.

O trabalho, portanto, e não as ideias, aparece como o fundamento da vida social. É ele a única categoria que faz a mediação entre os homens e a natureza. Todo processo histórico se desenvolve a partir desse fundamento. A partir das relações que os homens estabelecem entre si na transformação da natureza é que surgiram, e fazem surgir, determinadas ideias, valores e instituições políticas e jurídicas.

A obra de Marx, apesar de não se propor a traçar uma teoria para as relações internacionais, influencia a sociedade mundial, onde suas ideias permanecem muito válidas, buriladas, aprimoradas, para se adequar à sociedade atual, especialmente sua lei geral de acumulação capitalista, afligida recentemente com a crise mundial ocorrida no ano em curso.

Um exemplo evidente dessa contemporaneidade do ideário marxista é a ação do Fórum Social Mundial que, com sua linha filosófica de que outro mundo é possível, além daquela ditada pelos princípios capitalistas, traz reflexões mais consequentes para os destinos da humanidade. Entre outros aspectos a serem considerados, está a necessidade de os líderes mundiais em tomarem decisões que proporcionem uma maior sustentabilidade socioeconômica, em vez de continuarem a explorar desmesuradamente os recursos do planeta.

Visto inicialmente como uma ação romântica, atualmente o Fórum Social Mundial já vem garantindo respeito no concerto das nações, à medida que consegue ter suas reivindicações ouvidas pelos países desenvolvidos, na luta pelo combate à fome mundial, à redistribuição dos recursos e ao questionamento das lideranças políticas.

Não obstante, uma análise mais aprofundada pode concluir que a obra de Marx está calcada no plano social vivenciado por ele e, em determinados pontos, defasados nos dias de hoje, visto que a evolução social é inevitável. Mas tal defasagem não desnatura a sua obra, servindo de parâmetro hoje e para as gerações que hão de surgir.

Referências

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 12. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002.

GENTILI, Anna Maria. Colonialismo. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Tradução: Coordenada por João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cascais. **Dicionário de Política**. 12. ed. São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo, 2002, p.181-183.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Tradução: João Teixeira. Comentários: Haroldo J. Laski. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Tradução: Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

NOVO Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Petrópolis-RJ: Vozes. 1995.

PAGINA Vermelha. Entrevista de Karl Marx. **Chicago Tribune**, ed. de 5 de janeiro de 1879. Disponível em: <http://www.paginavermelha.org/documentos/noticiasdomilenio.htm>. Acesso em: 24.jul.2009.

PAUPERIO, A. Machado. **A filosofia do Direito e do Estado e suas maiores correntes**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980.

PEREIRA, Antônio Celso Alves. Marx e as relações internacionais. In: FIGUEIREDO, Eurico de Lima; CERQUEIRA FILHO, Gisálio; KONDER, Leandro (Orgs.). **Por que Marx?** Rio de Janeiro: Graal. 2002. (Biblioteca de Ciências Sociais. Série: Política, v. 24), p. 29-31.

TONET, Ivo. Introdução. In: MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução: Álvaro Pinto. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 9-10.